

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira



1º CAPÍTULO

“PÉ NA ESTRADA”

Após um segundo contato pelo rádio com o piloto, o subcomandante Waldirson avisa-nos para fazermos as compras da viagem. Estava confirmada, afinal, nossa vaga no avião – mesmo não sendo ele “O Grande Ventre” (um Búfalo) esperado. Ele está a caminho e chegará em pouco tempo. Ainda hoje poderemos estar na Missão.

Nossa sorte é incrível, é muito grande, nossa alegria do mesmo tamanho. As irmãs nos haviam dito que ficam, às vezes, um mês esperando um vôo. Um garimpeiro, que deseja ir para um destino próximo do nosso, espera sua vez há quarenta dias. Nós chegamos há apenas 72 horas. E não podemos ficar aqui. Se não tivermos realmente a sorte de embarcar logo, não poderemos mais fazer essa viagem – e certamente nunca mais. Essa é uma oportunidade única – o lugar onde queremos ir é muitíssimo longe, praticamente inacessível para nós, e uma nova tentativa só seria possível no mínimo

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

dentro de um ano. E, então, certamente muita coisa estaria mudada: a mãe, as irmãs, o subcomandante... nós. Não podemos esperar um próximo avião... dez dias, vinte dias, um mês? E dinheiro? Se não conseguirmos entrar nesse sonho agora, teremos que desistir dele e construir outros.

Existe uma outra única forma de chegarmos à Missão e não desperdiçarmos a tão custosa autorização obtida com a mãe superiora: subir o rio de canoa. Uma das irmãs já havia feito isso:

– Demora um mês, mais ou menos: a gente vai remando, remando, remando e, quando encontra alguma cachoeira ou corredeira pela frente, tem que tirar a canoa da água e carregá-la nas costas. Aí a gente vai por terra, até contornar e dar a volta. Lá na frente entra outra vez no rio.

Mal começo a imaginar essa viagem, já desembarco da canoa e vou cuidar dos preparativos para a chegada do avião – mais vale esse pássaro de ferro na mão que muitas canoas voando sobre cachoeiras. Atendendo à ordem do subcomandante, voamos para a cidade, voamos nas compras e chegamos ainda antes dele. Mas, ao pousarmos no saguão do aeroporto, desligarmos nossas turbinas e retomarmos o fôlego, toda nossa expectativa, ansiedade e esforço, toda aquela sorte grande e alegria vão pelos ares... e sem avião. Vemos, de longe, um polegar para baixo, num gesto de negativo e acontece uma desaceleração, um desaquecimento, um esfriamento completo em Kika e em mim. O João Bosco vem mais atrás e ainda não percebeu nada. Um pequeno polegar, mas poderoso, a ponto de nos trazer o desalento que trouxe, só poderia ser o do sub Waldirson:

– Más notícias para vocês: acabou de chegar um grupo de empresários com destino a Óbidos e eles terão que embarcar. Óbidos é a próxima parada na rota desse avião que está vindo. O grupo é grande e não cabem todos vocês. Eles terão que tomar os seus lugares. Sinto muito... o avião está com muita carga.

– Comandante, mas por que eles e não nós? Por que eles vão e nós ficamos?

– Eles são americanos e têm uma ordem de embarque dada por um Brigadeiro de Brasília.

– Mas nós chegamos primeiro; eles teriam que respeitar a fila.

– Mas a ordem é para embarque *imediato*... não tem jeito.

Era pior do que roubar um picolé de uma criança... era roubar sua bola ou sua bicicleta nova. Ou como fazer desaparecer a bola dos nossos pés quando estamos para decidir o jogo, marcar o gol do campeonato, último minuto, o chute no canto, o goleiro já desesperado e batido. Ou como dizer a todas as crianças e professoras no último dia de aula que não haverá mais último dia de aula, que acabou, foi cancelado, foi decretado que não haverá mais férias. Como, no momento de um amanhecer numa daquelas festas fantásticas da Bahia, em que todo mundo dança a noite inteira e depois fica na praia esperando pra ver o dia, fosse avisado que roubaram o sol, que não haveria mais dia. Os olhos de Kika e os meus se encontraram num mesmo e total desaponto. Não é possível!!! Não se pode fazer nada?! Pedir mais, insistir com as irmãs e o pessoal da FAB¹ não dá, eles já foram bons e educados demais com a gente. Não podemos fazer nada... apenas tentar nos conformar. E torcer, esperar que algum acontecimento vire novamente os

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

ventos na nossa direção, como vinham eles soprando até agora. Alguma coisa que faça voltar o bico do avião para nós, que faça “O Grande Ventre”, ou o que viaja em seu lugar, vir com suas asas abertas – qual pássaro a abrigar seus filhos – nos buscar, nos receber. E nos conduzir para o poente, pois é pr’essas bandas que fica o nosso desejo.

Não é fácil aceitarmos a situação, a reviravolta. Depois de tantas batalhas, das dificuldades para conseguirmos as autorizações: primeiro, a da mãe, depois, a do sub...

Não fora nada simples falarmos com a mãe Dionila. A primeira vez que a vimos não foi, claro, a primeira vez que a procuramos no convento. Havia um retiro e ela estava em orações da manhã até a noite. Voltamos no dia seguinte e ela também estava ocupada e não podia nos receber. Finalmente, no terceiro dia, fomos levados à sua presença. E, com humildade, com jeito, eu e Kika conversamos com ela; o João Bosco mais calado. Nós o conhecemos no “Estrela Azul”, o gaiola² do Amazonas que nos levava até Santarém, a cidade do convento, e ele resolveu seguir viagem conosco. Após as apresentações, a primeira pergunta da irmã foi sobre Ivete – a pessoa graças a quem estávamos ali. Foi também no “Estrela Azul” que nós a conhecemos – ela havia sido freira e vivera em uma Missão Religiosa com uma tribo indígena. Três dias e três noites subindo o rio em sua companhia foi um tempo suficiente para ouvirmos suas histórias e sua vida com os índios... e para que decidíssemos ter um destino, ter um porto.

Desde Belo Horizonte nossa viagem vinha sendo guiada por uma escolha: pôr o pé na estrada e deixar que ela nos levasse. Aonde? Não sabíamos, não queríamos definir... a aventura por companhia, com a estrada a decisão sobre o nosso caminho, ela construiria o nosso destino, ela nos levaria. Iríamos ao seu sabor, sem ponto final, sem porto de chegada, abertos para o inesperado, o imprevisto, o desconhecido... *on the road, easy rider*. Resolvemos apenas que o nosso norte, dessa vez, seria o Norte mesmo – nem Sul, nem Leste ou Oeste. Queríamos ir para cima, para o alto, subir o Brasil. Escolhida a direção, o mapa nos mostrou, todavia, a imensidão de mais de um terço do nosso país pela frente – somente na Amazônia Legal mais de 5.000.000 de Km²! Onde iríamos naquele Norte gigantesco? Não importava, não precisávamos decidir – *Caminante, son tus huellas el camino e nada más. Caminante: no hay caminos, se hace camino ao andar...*³ – “no es así”?

Tempo comprido e dinheiro curto, sonhos inteiros e bolsos quebrados, nosso único limite, marca ou referência: quando o dinheiro chegasse à metade, estaríamos no meio da viagem, hora de começarmos a voltar. E, como queríamos espichar ao máximo esse tempo, tínhamos que gastar, é claro, o mínimo na ida – assim, a metade da viagem nos alcançaria o mais longe possível, depois de termos andado muito. Um único horizonte vislumbrado, uma plataforma de onde nos lançaríamos de BH rumo Norte: Brasília. De lá pra frente o destino estaria por ser feito, estaria por fazer.

O pó levantado pelas botas dos estradeiros e dos caminheiros nesses recém-findos anos 60 ainda recheia e encanta o ar. Botas, aliás, que podem bem simbolizar as contradições desse nosso tempo, bonito e sofrido, colorido e triste, mágico e trágico. De um lado, as que caminharam as passeatas, que participaram dos movimentos estudantis, operários e camponeses, as que ergueram as barricadas de maio de 68, que fermentaram

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

a contracultura, as botas *hippies*, que trouxeram uma nuvem de paz, de amor, de sonhos e deixaram em seus calcanhares muitas saudades: os festivais – Arembepe, Woodstock... –, Janis Joplin, Jimi Hendrix, os Beatles, as comunidades... E, de outro lado, as botas militares, que, com o golpe de 64, pisaram a esperança, esmagaram as flores, feriram de morte tantos companheiros e fizeram por adiar a realização de todo um enorme desejo de justiça e igualdade social – essas causaram um vendaval, uma tempestade e deixaram em seu calcanhar um rastro de terror e de sangue.

Mas nossas botas são de paz e as calçamos mais uma vez... prontas para construir nossos caminhos, para fazer a nossa história, ansiosas para a viagem da estrada, para a aventura da vida...

A maneira de viajarmos até a Capital Federal surgiu de uma carência – de dinheiro – e de uma surpresa. Procurando por um meio de transporte barato, descobrimos que havia trem de ferro para Brasília. Nunca ouvíamos falar de sua existência e essa ignorância tornou a informação uma boa e bem-vinda notícia. E, se o próprio trem era uma novidade, quantas outras coisas novas e diferentes não guardariam, então, o viajar por ele? A começar pelo percurso: em torno de 30 horas – trinta horas de Belo Horizonte a Brasília!!!... Era inimaginável... quase duas noites e um dia...! Mas, como o que tínhamos para gastar era tempo, podíamos usá-lo sem parcimônia, não precisávamos de pressa ou de horas marcadas... pois se nem porto marcado tínhamos...!

Assim, nos entregamos aos dois dias, duas noites e mais seis horas de viagem assentados em um banco de regüinhas de madeira de 5 cm de largura. O preço da passagem do vagão de segunda era o ideal para nós e, assim, dispensamos as poltronas, os bancos acolchoados da primeira classe e sacolejamos “gostoso” naquelas tabuinhas, das 21 horas de sábado às 3 da madrugada de terça-feira. Estaçõezinhas encantadas, o *tchek, tchek, tchek* e o *piuí, piuí* melancólico do trem pelos trilhos do sertão afora ressoavam fundo, ressuscitando lembranças fortes, queridas e matando saudades. Quem, tendo sido criado numa cidade do interior, às margens da Central do Brasil, não tem o barulho da máquina, dos trilhos e dos apitos na memória nostálgica do seu coração?

A incrível diferença de 30 para 54 horas foi devido ao grande número de paradas do trem. E ao tempo que ele demorava em cada uma delas – em algumas, duas ou três horas, atingindo o recorde com oito horas: foi o que uma equipe de socorro levou para chegar e tirar do descarrilamento um outro comboio à nossa frente. Para felicidade geral dos viajantes, isso aconteceu exatamente no meio de um enorme e farto mangueiral de uma fazenda. Era a tarde do segundo dia de viagem e os que não estavam se dando bem com o prato-feito do carro-restaurante puderam dispor daquelas oito horas para almoçar e jantar manga e ainda abarrotar sacolas, bancos e bagageiros. Os vagões de passageiros transformaram-se em vagões de carga e o trem saiu dali com excesso de peso, cuspidor caroço de manga pela chaminé.

O vagão no qual viajávamos estava um pouco vazio, mas um passageiro, um rapaz, o povoava. Renato gostava de rezar e de cantar e fazia isso quase a toda hora e à sua maneira: ajoelhava-se no corredor, no meio do vagão, e começava a rezar, a rezar em voz alta. Terminadas as orações, ia para o seu banco e punha-se a cantar – principalmente Roberto Carlos e músicas sertanejas – também a plenos pulmões, a garganta solta, como se estivesse no banheiro de sua casa.

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

Ele havia trabalhado numa fazenda em Mato Grosso, em regime de escravidão branca. Foi para lá, assim como outras pessoas, seduzido por promessas de bons salários e outras vantagens e, de fato, encontrou um salário que não era ruim, só que os donos da fazenda recebiam praticamente todo o dinheiro de volta, ao cobrarem o que queriam pelo alojamento e pela comida. E, se alguém quisesse alguma coisa extra, um doce ou uma pinga, acabava tornando-se devedor do armazém – o único, num raio de léguas e léguas de distância. Ao final do primeiro mês de serviço, o que o empregado recebia não era um pagamento, era uma conta – e descobria que estava detido porque devia e tinha que trabalhar para pagar. Quando ele entendeu a situação e quis fugir, tarde demais: a fazenda era cercada por capangas e jagunços armados; ninguém saía de lá. Depois de alguns meses, conseguiu escapar, andando e correndo pela mata, atravessando rios e pântanos, perdido durante seis dias, perseguido e caçado pelos pistoleiros e capatazes da fazenda. Nessa fuga contraiu doenças – entre elas a malária – que ainda lhe traziam seqüelas, como um tremor nas mãos e no corpo, e quase o mataram. Em outras fazendas, os que tentavam fugir, e eram capturados, recebiam sinais e marcas no corpo, ficando permanentemente com a cabeça e as sobrancelhas raspadas.

Mas Renato cantava muito bem, tinha voz bonita e pessoas de outros vagões que passavam pelo nosso paravam para ouvi-lo. Na noite, também do segundo dia de viagem, um rapaz, que já estivera ali a admirá-lo, e com quem eu já conversara, Marcelo, buscou um violão. Teve, porém, que mostrar sua habilidade antes que o cantor, absolutamente senhor da sua vontade, aceitasse ser acompanhado: sem qualquer constrangimento, pediu que o moço tocasse o instrumento para mostrar do que era capaz. Ouvimos um recital, uma interpretação que arrancou aplausos; ele era um verdadeiro músico, um virtuose. E nascia ali mais uma dupla sertaneja: Renato e Marcelo. Seu primeiro show lotou o vagão. Era bonito ver, lá fora, na solidão das luzes fraquinhas das pequeninas casas que brotavam às margens da ferrovia, as pessoas assistindo à imagem daquele trem cantante rasgando a escuridão da noite.

Em Brasília, procuraríamos por um rapaz que trabalhava na estação rodoviária e que poderia nos dar um apoio para prosseguirmos a viagem. Nosso mapa não tinha marcas ou indicações de lugares para chegarmos, apenas uma agulha magnética a apontar insistentemente o norte. Assim, o caminho que ele pudesse nos abrir no imenso leque aceito por nossa bússola seria o que percorreríamos. Tínhamos apenas o primeiro nome do rapaz, o que dificultaria sua localização, não fosse ele pouco comum. Firmo, dono de uma boa vontade e de uma generosidade que nos fizeram senti-lo um irmão, tanto se empenhou que, dois dias depois, conseguiu-nos uma passagem gratuita de ônibus para Belém. Não poderia nos acontecer nada melhor. Ir para a capital do Pará e ainda pagando apenas uma passagem no longo e caro trecho Belém-Brasília nos ajudava muito – gastando menos com transporte, teríamos mais para hospedagem e alimentação, o que nos possibilitaria ir mais longe ou permanecer mais tempo em algum lugar que escolhêssemos.

Trinta e oito horas após deixarmos a Capital Federal, onde ficáramos por três dias, entrávamos em Santa Maria de Belém do Grão-Pará e, em uma das suas deliciosas ruas carregadas de mangueiras, em um ponto bom, encontramos uma pensãozinha simples e barata. Mas como era quente! O calor da cidade era tão forte que fazia do chuveiro o

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

lugar mais freqüentado da pensão – eram cinco ou seis banhos frios todos os dias. À tardinha refrescava um pouco: invariável e infalivelmente chovia e isso era tão seguro que a marcação de algum programa para essa parte do dia não tinha como referência o relógio – combinávamos a saída ou o passeio para “antes” ou para “depois” da chuva; ela vinha sempre na hora certa e com a mesma duração.

No “Ver-o-Peso”⁴ ficamos amigos de um rapaz, um artesão, que estava indo naqueles dias a Mosqueiro e Marajó, as conhecidas ilhas fluviais próximas a Belém, fazer pesquisas sobre o artesanato da região. Antônio Roberto, ou Beto, nos convidou para irmos juntos com ele e sua esposa. Embarcamos no dia seguinte, mas não fomos longe, porque, em um dos primeiros lugares pelo qual passávamos, Beto se interessou por um trabalho ali desenvolvido e quis ficar até o dia seguinte para aprender sobre ele. Era um povoado muito pequenino, ruas sem calçamento, casinhas muito simples... e uma graça, uma simpatia. E, o povo, um encanto – as pessoas nos cumprimentavam das janelas e parapeitos das varandas de suas casas, crianças nos acompanhavam: “olha os ‘ripe’, olha as ‘ripa”! Um menino pegou a mochila de Kika para carregar. Uma senhora, parada na porta da sua casa, a quem perguntamos por uma pensão, convidou-nos para um café com bolo de fubá e biscoitos de polvilho, que ela acabara de preparar. Aceitamos com prazer e, durante a conversa, ela informou-nos que ali não havia pensão, pedindo-nos desculpas por não poder nos receber na sua casa, muito pequenina até para sua família. As pessoas ali pareciam ser todas assim, educadas, gentis, amáveis. Kika e a esposa do Beto resolveram retornar a Belém e aquela senhora sugeriu a mim e ao Beto dormirmos no coreto da pracinha; segundo ela, um lugar bom e tranqüilo.

De tardinha as duas partiram. Acompanhei Beto no seu aprendizado sobre o artesanato e, ao anoitecer, fomos comer alguma coisa e conhecer nossa “hospedaria”. Uma turma de meninos jogava “pelada” na pracinha do coreto – além de “hotel”, ela servia também de campo de futebol. Andamos por ali, ficamos assistindo ao jogo e, quando o escuro da noite não permitia mais que os meninos enxergassem a bola, dois deles pegaram uma tora de lenha e me pediram para bater com ela num dos postes de madeira que sustentavam a rede elétrica. Foi “pá e pimba”: as luzes do “estádio” se acenderam, o “campo” se iluminou, a partida pôde continuar. Após 15 minutos, as lâmpadas se apagaram e novamente foram acesas na marra, desta vez pelo Beto. Cinco pancadas mais tarde – cerca de 45 minutos depois –, a iluminação caiu definitivamente, as pauladas no poste não funcionaram mais e o jogo acabou. As pessoas que ainda circulavam por ali, e algumas que conversavam conosco, foram embora. E nós fomos dormir. Eu não havia levado o meu *sleeping-bag*, mas o do Beto, largo o bastante para duas pessoas, amaciou e esquentou bem o chão de azulejos, duro e frio. E tivemos uma noite com direito até a cachorros montando guarda na nossa “porta”, vigiando as mochilas e o nosso sono.

Permanecemos em Belém e suas ilhas por mais quatro dias e, ao nos despedirmos, além de lembranças gostosas e agradáveis de uma cidade adorável e de uma região belíssima, levamos também, de presente, alguns lindos trabalhos do Beto, um artesão talentoso, uma pessoa rica em desprendimento e disponibilidade, um amigo.

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

E partimos a realizar o desejo de conhecer o Amazonas: embarcamos no “Estrela Azul”, um gaiola com destino a Manaus.

“Sem lenço e sem documento”, sem tempo e sem compromissos, acontece, nessas viagens, de conhecermos e convivermos com muitas pessoas: algumas, abertas, acolhedoras, amigas; outras, fechadas, distantes, indiferentes. Entre as primeiras, há algumas especiais: são as que nos abrem as portas e as passagens, são as que facilitam o encontro com o nosso destino. Elas são as pessoas “certas” em nosso caminho. Elas estão ali, por onde passarmos, disponíveis para que possamos encontrá-las... cabe a nós apenas descobri-las. A postos, portanto, olhos e ouvidos para os sinais da estrada – ela sempre nos leva a esses encontros, se nossos sentidos estiverem abertos e se deixarmos o coração e a intuição nos guiarem.

Nesse barco do Amazonas, ao nos contar sobre os MõnJOROKO – ou Munduruku –, índios com quem viveu na Missão, Ivete apontou, sem saber, o destino que passaríamos a buscar. Ela foi, assim como Firmo, uma “pessoa certa” que “descobrimos” na viagem e que, como ele, poderia ter participação decisiva no nosso destino. Ao ouvirmos suas histórias, os olhos de Kika e os meus se encontraram, brilhando e comunicando uma mesma vontade: conhecer aqueles índios e aquele lugar onde ela vivera.

Passávamos, assim, a partir dali, a ter um objetivo, um porto, e isso mudava um bocado as coisas, mudava a forma de viajar. A partir de então, estávamos comprometidos, não podíamos mais deixar que as estradas ditassem nosso rumo, *nós* tínhamos que fazê-lo, *nós* tínhamos que construir nosso caminho. Ivete achava que não seria fácil chegarmos lá, mas que valia a pena tentar... pela beleza da viagem, pela beleza da vida dos Munduruku.

Eu ia sonhando com os índios, com sua vida e com a mata, ali, meio sentado, meio em pé, na beirada do gaiola, perto da entrada da casa de máquinas e da cozinha, aguardando o almoço. Que fome dava o deslizar, às vezes manso e macio, às vezes um pouco difícil e agitado, por aquelas águas tão ricas e tão generosas. Mesmo sem despendermos energia alguma – o único exercício o olhar constante para os tipos e os personagens do barco, para as margens, para as águas deixadas para trás... e para a floresta, que nos envolvia cada vez mais. Ainda assim, a fome vinha cedo. Hora também de chegar o Oswaldo, um caboclo que almoçava e jantava comigo todo dia aquele mesmo arroz com carne de sol – às vezes batata ensopada – e sobremesa de doce em barra. Ele era contador de casos e conhecia muitas histórias sobre as aventuras e a vida pelo rio e pela floresta. Magro, alto, esperto e inteligente. De olhar penetrante, que ia fundo no que via e, às vezes, ausente, como se nem ele estivesse ali. Sem que houvesse contradição nisso. Ou, se havia, fazia parte dele... cabia nele. Sabia na carne, nas vísceras e no entendimento a exploração do homem pelo homem. Na alma, a dor, a não-aceitação e a revolta pelas injustiças. No corpo, sinais e marcas das lutas para mudar esse mundo.

A rede era a amiga querida da sesta rolando sobre o rio a vapor. O motor era o responsável por fazer mais calor, barulhando preguiçoso por aquela estrada tão suave. Não era hora de se armar rede, porém, naquele cantinho, eu não atrapalhava ninguém e ninguém se queixava. E logo as margens começavam a passar devagar, cada vez mais devagar, como que sendo levadas pela preguiça, como que já dormindo... Eu, olhando lento, longo, comprido, olhar se entregando ao passar daquela vida e tempo tão sem

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

pressa, depois da carne seca e da saudade do feijão... e eu já viajava e deslizava manso pela estrada verde-aveludada dos sonhos, pelas ondas de imagens que já me embalavam...

Acordava com algumas sombras afrescurando e anunciando a tardinha... hora de mais prosa. E o gaiola continuava trabalhando.

Depois, o rio, a floresta e o silêncio viravam noite, tornavam-se noite naquela lua que queimava o rio, queimava as águas... Então, as histórias, os mitos, as lendas vivas, os habitantes e personagens fantásticos da floresta e do rio da Amazônia despertavam, soltavam-se, faziam-se livres. Os sinais de sua presença e de sua cumplicidade eram os pios e sussurros vindos da mata e os redemoinhos e movimentos da mãe-d'água no "Grande Rio". No alto, a lua girava em mil voltas e formas, por todos os cantos do céu. Surgia no poente do rio, no fim do horizonte, perdia-se na noite imensa, irrompia no meio da mata... Desaparecia nas estrelas, ressurgia, banhando-se distraída, boiando de barriga pra cima, enfeitando o rio. Finalmente, descendo solta e perigosamente pela correnteza, bola de chumbo rolando veloz pelas águas – São Jorge e o dragão em plena luta –, eu a vi sendo colhida nos rastros da embarcação, tragada e engolida pelos sulcos formados pela passagem do barco, se afogando no céu do fundo das águas e se espalhando, inundando de prata o rio cor de barro.

Então, outra vez as redes: dormíamos, claro, em rede, peça que não fazia parte das nossas mochilas e que tivemos que comprar em Belém, condição para a viagem no gaiola. Lógico, apenas uma pra Kika e pra mim... mas como era apertado! E nós, com apenas três noites para aprendermos a dormir, a deitar e a rolar nela! Era muito mais difícil com o barco tão cheio de redes. Elas ficavam muito próximas umas das outras e era inevitável que os golpes, esbarrões e trombadas acontecessem a todo instante. Às vezes, alguém dava uma mexida maior, fazia um movimento mais espaçoso e dava uma topada no vizinho, que então topava no outro vizinho... E um ia fazendo o outro gangoriar, até a força do impulso acabar – bolas de sinuca batendo umas nas outras até o efeito em cadeia se dissipar.

Mas, além de a situação ser mais engraçada do que propriamente desconfortável, nós estávamos acostumados a nos adaptar a situações ou formas até esdrúxulas de dormir. Nas andanças pelo Brasil, eu já "pousara", guardado e aquecido por um gostoso *sleeping* que Kika havia feito para mim, embaixo de marquises, em postos da Polícia Rodoviária Federal onde algum caminhoneiro me deixara, em postos de gasolina à beira das estradas e debaixo de caminhões.

E até em cima da carga de um deles, um "Fênêmê"⁵, dessa vez com Kika, numa situação um pouco arriscada, em uma viagem de Salvador a Belo Horizonte. Carlos, o dono e motorista do caminhão, um senhor de fartos bigodes e cabelos brancos, nos deu, com muito boa vontade, uma carona desde a saída da capital da Bahia até uma cidade já bem no interior de Minas. E, durante grande parte dos dois dias em que viajamos com ele, enquanto o pesado "Fênêmê", lotado de sacos de sal, singrava lentamente os longos quilômetros da BR 116 – a esburacada Rio-Bahia –, ouvimos muitas e muitas histórias da 2ª Grande Guerra, da qual ele havia participado. Era difícil imaginar aquele homem combatendo com uma arma na mão em uma guerra: Carlos, ficou logo claro para nós, era

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

uma pessoa de coração grande, capaz de se doar a quem dele precisasse, como vimos acontecer em mais de uma ocasião, mesmo naquele tão curto convívio. Um desses momentos aconteceu à tardinha do primeiro dia da viagem, quando ele, embora preocupado em não atrasar a entrega da sua carga, parou para ajudar um outro caminhão quebrado à beira da estrada, uma “Mercedinha”⁶. E ele era também, pela intimidade, destreza e facilidade que revelava ao trabalhar no motor do caminhão, um grande mecânico: solucionou, munido de um arsenal incrível de ferramentas que carregava, o problema que seu colega, que também entendia de mecânica, não conseguira resolver.

Mas anoitecera e ele decidiu dormir ali na beira da estrada mesmo. Ele ocupou, é claro, a cabine – e eu a, sem podermos estender o *sleeping* embaixo do caminhão, porque chovera, o chão molhado, subimos para cima da carga. Ela era muito alta e, com medo de mexermos durante a noite e cairmos, e para nos assegurarmos de não rolar “morro” abaixo, tivemos que nos prender nas cordas que a amarravam. E isso não era fácil, porque a amarração era muito apertada – para firmar bem a carga –, e não havia espaço para nós nos enfiarmos entre as cordas e os sacos de sal. O único lugar onde isso era possível, onde cabiam pelo menos nossos braços e nossas pernas, onde as cordas não ficavam rentes e coladas nos sacos, era na junção deles, onde um encostava no outro. Nós nos deitamos de barriga pra cima e encaixamos nossas pernas e braços ali. Mas os sacos eram duros como pedras e inteiramente irregulares, tanto no seu conteúdo quanto na sua arrumação, e o corpo ficava, então, todo torto: o peito pressionado e estufado para o alto pelo saco que o sustentava, a cabeça apoiada noutro saco, o pescoço no ar, sem qualquer apoio, os braços e pernas abertos e presos pelas cordas, encaixados nos espaços entre os sacos. Em síntese, a posição era a de um crucificado, amarrado de barriga pra cima e sem ter como se mexer. Para descansarmos da posição, tínhamos, antes, que nos soltar das cordas para, então, espichar o corpo, distendê-lo. Refeitos, amarrava-nos novamente. Até para levantar a cabeça e ver se Kika estava bem “firme”, bem presa, era difícil. Dormimos relativamente seguros, mas completamente impossibilitados de conseguir uma posição que pelo menos lembrasse a existência de alguma coisa chamada conforto.

Em compensação, além de não chover – o que, se acontecesse, nos obrigaria a descer e passar a noite agachados embaixo do caminhão – tivemos uma noite lindíssima. Era lua nova, o céu completamente vestido de estrelas e a carga alta se incumbindo de nos levar mais para perto delas. Obrigados a olhar só para cima, tivemos a noite inteirinha à nossa disposição – pois dormir mesmo era apenas um sonho – para contarmos todas as estrelas, reconhecermos todas as constelações... e para quebrarmos todos os ossos das nossas costelas...

Mas desço das alturas do caminhão para os braços da nossa rede do Gaiola... mais confortável e seguro. E, também, já chegava o momento mais engraçado da viagem no barco: as altas horas, as madrugadas, quando alguém precisava deixar a “cama” para ir ao *Cavalheiros*, ao *Damas*. Ah, se a pessoa não fosse muito jeitosa, de espinha flexível, dobrável, acordava meio barco! Ela tinha que descer da rede – o que nem sempre era fácil, pois havia redes umas por cima das outras –, tentando não cutucar os vizinhos dos lados ou de baixo e ir se arrastando pelo chão. E, ao passar por baixo daquele povaréu, tinha que tomar cuidado com o alto, para não arrebitar demais a bunda e não despertar

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

alguém dos seus sonhos. Ah, era preciso muito jeito, muito jogo de cintura, muita espinha de cobra para atravessar aquele campo com sucesso, sem incomodar os outros! Eu, acordado, via, às vezes, uma *cobra criada* se arrastando por baixo de nós, alcançando o outro lado ileso, sem lesar ninguém, mas, também, vez em quando, um desajeitado criando uma confusão em volta, ou melhor, no alto, por onde passava. E ele tinha que ir e retornar pelo mesmo caminho, pelas mesmas dificuldades... E a gente ficava em suspenso, esperando o retorno... quem fora interrompido no meio do sono ficava aguardando a passagem de volta daquele desastrado para dormir outra vez. Para evitar problemas, os mais velhos, os obesos, os que tinham problemas de saúde e os que não conseguissem se arrastar pelo chão, armavam suas redes nas beiradas. Esses, além desse privilégio, recebiam também o presente de poder acompanhar o espetáculo da noite e do rio das suas próprias *camas* – o gaiola era todo aberto dos lados e, quem viajava nas beiradas, tinha por janela o céu, a mata, as águas. Eu, que ia bem no meio daquele enorme quarto sem paredes, entre um cutucão e outro a me acordar, recebia a visita dos índios em meus sonhos, e partia para a floresta com eles.

Chegava o dia... um amanhecer sempre maravilhoso no rio. Todos recolhiam as redes, para que o espaço por elas ocupado ficasse livre, aberto – o “quarto” enorme virava o grande salão, por onde todos andariam, transitariam, onde passaríamos o dia. Após o café, o prazer de passear pelo barco, percorrer e descobrir cada canto daquele vapor... uma graça de gaiola, uma linda embarcação! E conhecer as pessoas, conversar com os passageiros, tanta gente diferente e de lugares tão estranhos, tantas histórias tão interessantes e tão ricas... E, depois, ir para perto do Capitão e ficar ali por muito tempo, esquecendo-me de mim enquanto o acompanhava comandando o barco e dando destino ao gaiola.

Poucas paradas: em uma delas, um lugarejo lá no alto, lá em cima. A estradinha de terra subindo até a igreja onipresente, as casinhas em volta da praça de chão, os botecos e seus homens, um barranco enorme que dava vontade da gente se jogar dele no rio. E, do lado, às margens de uma entrada do rio pela terra, uma imensa serraria. Para se sustentar, com todo aquele tamanho, ela certamente devorava a cada dia uma parte enorme da floresta. Era impressionante: um monstro, um gigante sangrando, mutilando, matando o verde, o alimento e a vida.

As conversas com Ivete continuavam:

– Vocês vão precisar de algumas autorizações para a viagem e, se derem sorte de encontrar pessoas acessíveis, poderão chegar lá. Vocês terão, primeiro, de conseguir que a madre superiora da congregação, responsável pela Missão, permita a ida de vocês – ela mora num convento em Santarém. Depois, terão que dar um jeito para embarcar em um avião da FAB, que é a única maneira de chegarem à Missão – para isso vocês precisarão da autorização do comandante da FAB. E aí vocês vão depender da sorte de passar um avião por esses dias, porque a rota da FAB aqui na região é mais ou menos de 40 em 40 dias. E, se vocês conseguirem chegar à Missão, o frei pode devolver vocês no mesmo avião, não permitindo que fiquem. Se ficarem, será a vez do tuxaua – o chefe, o cacique da tribo – dar ou não a sua permissão. É tudo absolutamente incerto, vocês podem não conseguir. E, ainda por cima, terão que abrir mão do restante da viagem para Manaus e descer em Santarém.

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

Apesar de tantos *vistos* para serem obtidos, Ivete achava que não era impossível... e nós queríamos acreditar nisso. Perderíamos o restante da viagem no Gaiola, trocaríamos as águas pela floresta, mas poderíamos ganhar uma outra viagem mais incrível ainda. E, quando se joga o pé na estrada – ou nas águas –, tem-se mesmo que abrir mão da segurança e correr o risco. Perder para poder ganhar! E nada como viver essa experiência. Ivete nos deu as coordenadas de que precisávamos: onde ficava o convento, quem deveríamos procurar, como conversar, etc.

Era zero hora quando, do cais de Santarém, demos adeus a ela e ao “Estrela Azul”.

No dia seguinte, nossa primeira tentativa de acesso à madre. Mas ela estava em retiro espiritual e não pôde falar conosco. No segundo dia também suas ocupações não nos permitiram ir à sua presença. Mas no terceiro dia ela nos recebeu:

– Nós ficamos conhecendo Ivete num barco que ia para Manaus. Ela nos contou que a senhora é muito amiga dela, que ela conviveu e aprendeu muito com a senhora no convento. Ela a admira muito.

– E ela, como está?

– Ela está bem, está ótima. Pediu que trouxéssemos um abraço para a senhora, caso a encontrássemos. No retorno da viagem a Manaus ela passará aqui para rever a senhora.

– Ah! Temos muitas saudades da Ivete. Ela é uma doçura de pessoa; uma criatura generosíssima, um presente de Deus para o mundo. Mas, ela deve ter gostado de vocês, para tê-los enviado aqui. Quase que vocês não me encontram, depois de amanhã estarei saindo de viagem.

– Que sorte a nossa! Mas é isso mesmo, irmã, nós conversamos com Ivete durante três dias na viagem desde Belém e, para nós também, como a senhora falou, foi mesmo um presente tê-la encontrado. Ela nos contou muito sobre a Missão e sobre os Munduruku.

– Ivete conviveu muito tempo com eles. Depois de alguns anos conosco em Santarém, ela foi morar na Missão. Ela... ... – a madre continuou a falar sobre Ivete, sobre o tempo em que ela morou com os índios, sobre seu retorno ao convento. E, depois, focalizou suas palavras em nós. Aquela conversa era muito importante, era determinante, decisiva. Suas perguntas eram muitas.

– Eu e Kika somos de Minas Gerais, de Belo Horizonte; o João Bosco é do Rio. Nós dois somos psicólogos e professores e, ele, estudante de Engenharia.

– Sim, Kika e eu somos casados.

– Eu tenho vinte e quatro anos de idade. Kika e João Bosco vinte e cinco.

– Não, não temos nenhum interesse em pesquisa. O que desejamos mesmo é conhecer os índios, estar com eles, queremos apenas poder viver um tempo com eles.

– Não, não temos qualquer coisa a ensinar ou a transmitir a eles – ao contrário, irmã, sabemos que nós, sim, é que temos que aprender com eles, com a vida deles e com a experiência de conviver com eles.

– Sim, irmã, nós sabemos da importância de respeitarmos seus costumes e sua cultura; temos consciência do cuidado de não passarmos referenciais e padrões nossos para eles.

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

As perguntas prosseguiam. A mãe procurou conhecer melhor nossos interesses, quis ouvir um pouco da nossa história de vida, interrogou nossas perspectivas de futuro, sondou mais a fundo nossos valores. Suas questões revelavam, era claro para nós, uma abertura, quem sabe uma disposição para permitir nossa viagem – ela não fazia nenhuma pergunta se não houvesse a possibilidade de nos dizer um sim. Ela queria nos conhecer o melhor possível; precisava nos avaliar.

Sáímos da conversa com a impressão de que a mãe simpatizara conosco e que tínhamos boas chances de conseguir sua autorização, apesar de ela nos ter avisado, ao final, que essa permissão era muito difícil, que não dependia só dela e que, até então, não havia sido dada a outras pessoas.

Ficamos esperando a decisão nos longos corredores de tábua corrida e de pé direito altíssimo do segundo andar daquela construção imponente e solene. Nossos passos não maculavam a quietude e a paz que aquela casa respirava – pisávamos como se nem pisássemos... todo o cuidado. Mas nossos corações nos traíam: as suas batidas e o pulsar de nossa ansiedade e expectativa desrespeitavam o silêncio. Assentados num belo e bem entalhado banco de madeira em frente à sala da mãe, eu e Kika “víamos” alguém abrir aquela porta e nos comunicar que a irmã autorizou, que podíamos ir. O João Bosco estava lá embaixo, passeando pelos jardins.

– A mãe Dionila está considerando o pedido de vocês, vai discuti-lo com outras irmãs e pede para voltarem aqui amanhã. Pela manhã ela poderá recebê-los.

E, finalmente, na estigagem gostosa de uma chavinha ligeira, num pedaço da manhã daquele quarto dia em que “tentávamos” a mãe, nosso peito explodia baixinho enquanto ouvíamos as instruções, recomendações e orientações que ela nos dava:

–... E agora vocês vão depender de o comandante da FAB permitir o embarque de vocês. Isso é com ele, não podemos interferir. E aí vocês vão ter que rezar para Deus lhes destinar vagas para a viagem, pois isso não é muito fácil. Eu sei que nesses próximos dias estará vindo um avião que passará pela Missão, porque nele vêm dois índios – o chefe dos Mõnporoko e o chefe da Missão – e uma irmã que os acompanha. Eles estão voltando de um encontro do Cimi – do Conselho Indigenista Missionário – em Belém. As irmãs Vitória e Ladomila, daqui do convento, vão esperá-los quando chegarem.

Contendo o impulso de dar o maior beijo em Kika, ali, na frente da mãe, e após demonstrarmos a ela nossa gratidão e assinarmos um termo de responsabilidade que ela preparara, partimos para a autorização seguinte. Fomos voando para o aeroporto, voamos para a FAB.

E, temerosos de um não, com medo do homem que encontraríamos pela frente, recebemos o *sim*, mais um importante, necessário e tão desejado *sim*. A ordem dependia do subcomandante Waldirson, e a sorte nos apresentou a um homem acessível e camarada. Após tomar conhecimento da autorização da irmã, ele não ofereceu dificuldades para permitir nossa viagem – o *visto* da mãe pesara muito, fora talvez como uma ordem para ele e abria as portas da mata para a nossa passagem. Após um bom papo, ele era nosso amigo e ainda nos dava uma boa notícia:

– Deve ser um Búfalo o avião que vem por esses dias. Se for, estará tudo bem, porque ele é um avião grande, de carga, e é muito provável que tenha lugares para vocês. Mas vocês têm que ficar aguardando a chegada dele aqui mesmo; não dá pra saber

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

quando ele vem e não dá pra avisar vocês se estiverem na cidade. Ele chega e parte... se vocês não estiverem aqui... ..

Aquilo foi uma ordem e a maior e melhor que poderíamos receber. Nos três dias em que ficamos esperando pelo “Grande Ventre” – como o sub nos disse que era conhecido aquele avião –, não arredamos pé do aeroporto. Não perderíamos o embarque nem que o céu caísse sobre nossas cabeças... nem que o próprio Búfalo caísse sobre elas. Permanecemos ali, de prontidão, os três dias, com liberação apenas para dormirmos na pensão da cidade.

À noite, passeávamos pela pracinha, pelo cais, pelo rio, pelo céu daquela cidade que palpitava forte uma ambição e um desejo pelas riquezas cada vez mais lendárias e fantásticas da mata. Esta, como o rio, já tragara muitos filhos seus. Da janela do nosso segundo andar da pensão – uma casa grande e velha – assistíamos ao desfile das águas imensas daquele rio tão nobre, farto e pródigo, que passava em sua intensidade e explosão, em sua serenidade e beleza. Do janelão do corredor comprido, do outro lado, viajávamos pela mata, seu mundo e seus mistérios. A floresta circundava a cidade com sua ameaça e proteção, com sua força e seu silêncio, fazendo-lhe um cerco que se fechava no rio.

Três dias... e então um contato pelo rádio informou ao sub Waldirson que nosso avião estava a caminho.

Mais espera, mais expectativa, ansiedade, angústia, tudo misturado, o peito explodindo... o segundo contato demora muito, custa muito... haja coração...! E:

– Pronto, gente, vocês vão poder ir. Há lugares pra vocês, sim. Vocês têm sorte. Não é o Búfalo e ainda assim há espaço.

Nossa! Putz! Nossa sorte era enorme, era demais! Mesmo não sendo “O Grande Ventre”, o que leva tudo e todos, havia lugar!

Não, não é possível agora esse polegar do subcomandante para baixo, essa reviravolta! Conseguimos o mais difícil, a autorização dele, a da mãe, a sorte de passar o avião exatamente por esses dias, as vagas... Já fizemos até as compras de algumas coisas para levar: o remédio contra malária – que tomávamos diariamente –, sabonete, dentífrico, filmes para a máquina do João Bosco, etc. É difícil aceitarmos perder os nossos lugares. O que estarão esses empresários – que nem são do nosso país – fazendo aqui, senão pesquisando nossas matas, nossas águas, nossas terras para, de alguma forma, se apossarem delas? Ordem de embarque “imediate” dada por um militar de Brasília...! Argh! É duro de engolir...!

Mas o próprio subcomandante abre uma perspectiva:

– Olha, ainda tem uma possibilidade. Vou pedir para o comandante e a tripulação levarem os americanos e as pessoas de Óbidos até lá e voltarem aqui. O grupo de Óbidos é maior do que eu pensava – chegaram ainda mais algumas pessoas – e, não sendo um Búfalo que está vindo, é um avião menor, vai ficar difícil levar tanta gente e toda a carga; é muito peso. Os passageiros que estão vindo e que vão prosseguir viagem descem e aguardam aqui, enquanto o avião vai a Óbidos e volta.

A voz e a cara do sub não nos animam muito e não acreditamos que sua idéia tenha chance de se concretizar. Mas as duas irmãs que vieram do convento para receber os

TAWÉ – NAÇÃO MUNDURUKU, UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

Walter Andrade Parreira

Índios participam da conversa e nos acendem a esperança. Começamos a entender que talvez sejamos beneficiados pelas outras pessoas que chegaram:

– Comandante, o senhor tem razão: se o avião já está vindo cheio, muitas pessoas da região de Óbidos, que estão esperando, não poderão embarcar, não vai haver lugar para elas. E aí? Como elas irão depois? Se o comandante do avião não aceitar, elas não poderão ir para casa tão cedo, pondera a irmã Vitória.

– Os homens da FAB são muito disponíveis, têm muita disposição para ajudar, estão sempre preparados e prontos para fazer de tudo, não há tempo ruim para eles, eles vão concordar, comenta a irmã Lodomila.

E o sub arremata a conversa:

– Isso mesmo, a FAB tem a missão de servir; nós estamos aqui para isso... a tripulação do avião fará o que é necessário...

Mesmo com essa determinação do sub, vamos torcer para que o comandante do avião não coloque obstáculos ao que lhe vai ser proposto. Não entendemos bem se a tripulação estaria fazendo um favor ou se, em vista das circunstâncias, ela teria mesmo que atender ao que poderia ser, então, uma ordem do sub. De qualquer forma, parece que mais uma vez dependemos de encontrar pessoas de boa vontade pela frente... Que o homem que aí vem governando essa máquina que anda pelos céus da nossa(?) Amazônia seja dos bons...

E, instantes depois, ficamos sabendo que é... Eta destino porreta, sô! Olha só que vida boa: ele é! O homem é um bom homem! A irmã Vitória quem nos dá a notícia:

– Estamos com sorte – ela fala no plural, inclui-se na sorte, assume a batalha e nosso desejo como se fossem dela, “irmã” mesmo que é –: o comandante concordou; ele vai a Óbidos e volta. O nome dele é Wolber, capitão Wolber.

- 1 Força Aérea Brasileira
- 2 Embarcação típica da região amazônica
- 3 A. Machado
- 4 Famoso mercado de Belém
- 5 Nome pelo qual eram conhecidos os caminhões da Fábrica Nacional de Motores (FNM).
- 6 Os caminhões da Mercedes-Benz.